

3 O Homem na Relação Homem-Mulher

3.1. Papéis Masculinos: entre a Tradição e a Contemporaneidade

Para se tratar do tema acerca do homem na relação homem-mulher, tornam-se necessárias algumas reflexões sobre a tradição histórica dos papéis masculinos nessa relação em seu percurso à contemporaneidade, assim como a visão psicossocial sobre o homem na atualidade - *novo homem*. Em épocas de rápidas, turbulentas e constantes transições, “de instabilidade generalizada, em que relacionamentos afetivos atravessam constantes redefinições” (Wang, 2004, p.17), aposta-se e investe-se num relacionamento amoroso com mais qualidade, usufruindo-se da possibilidade (e desafios) de se inventar o casal (Goldenberg, 1999). O que se observa na contemporaneidade são pessoas confusas e inseguras frente às variadas configurações de relacionamentos homem-mulher. O desconforto produzido por qualquer transformação ocorre pela possibilidade de se ter de deparar com o desconhecido, com o novo, com o não usual (Figueredo, 2006). Nesse momento de transições, como o que se atravessa na atualidade, a idéia de casal mantém-se em transformação, tanto em seu aspecto legal quanto social, podendo-se considerar a “liberdade, reciprocidade e criatividade” como principais categorias representantes dessas transformações (Goldenberg, 1999; Chalar-Silva, 1989; Jurberg, 1996).

No tocante às conceituações de casal, são encontradas variadas designações, em diferentes autores, a destacar: “par composto de homem e mulher” (Ferreira, 1986); “Basta haver o critério de permanência, seja ele composto por parceiros hetero ou homossexuais, casados ou não, para que duas pessoas sejam percebidas como um casal. Essa permanência, por sua vez, pressupõe relações sociais e sexuais constantes” (Jurberg, 1996, p.146); um casal se faz porque se parece um casal - para quem os observa, por se auto-definir como casal, pela existência de vínculos pessoais ou legais, ou por um “vínculo de sexo-afeto” (Chalar-Silva, 1989). Assim, para um melhor esclarecimento, esta pesquisa faz referência ao homem que faz parte do casal composto por duas pessoas, heterossexuais, com ou sem compromisso formal, morando juntas ou separadas, voltadas para um bem-estar comum, com a percepção de ser um casal, pressupondo a existência de vínculo de afeto, bem como de relação sexual entre essas pessoas.

Embora o casal se estabeleça como relação, existe uma crença na sociedade

de que os homens e as mulheres são como são por natureza, o que é construído desde a infância. Os meninos, então, já nascem com inclinações para determinadas atitudes. A cultura de cada sociedade dita aos meninos, desde seu nascimento, um amplo leque de comportamentos a serem copiados e apropriados como genuinamente seus. Na cultura brasileira, em geral, impõe-se à criança do sexo masculino que haja, em sua conduta, a agressividade para enfrentar fatos cotidianos, iniciativa, investimentos rotineiros e bem sucedidos ao sexo oposto, seguindo trilhas que sejam condizentes com estilos de pessoas campeãs e fortes, ou seja, os dirigentes. Em outras palavras, desloca-se o seu referencial - que prioritariamente deveria ser interno - para a realidade externa, onde o seu papel masculino deverá ser assumido, de forma consciente ou inconsciente, sob uma gama de valores padrões estabelecidos e alimentados pela cultura, que servirá como seu condutor na construção de seu caráter (Gratch, 2001; Nolasco, 1997; Barasch, 1997).

A idéia de que os distintivos característicos das naturezas masculina e feminina são construções sociais é reforçada pelos crescentes estudos científicos de gênero no Brasil. Goldenberg (2000) sinaliza que esses estudos são bastante úteis para trazer à tona a diferenciação entre o sexo (ordem biológica dos seres humanos) e o gênero (um constructo cultural), indicando que os desejos, as emoções e os comportamentos são produções de um contexto social e histórico determinado, e não, partes de uma essência masculina ou feminina. Nas produções tradicionais (ou ainda, contemporâneas), destacavam-se como pré-requisitos básicos para o *ser homem*, características como o sustento financeiro à família, ser ativo sexualmente, autoridade, poder, força e, em casos necessários, violência física, tanto no campo da família como no profissional. É lembrado, ainda, que, no âmbito da relação homem-mulher, a autoridade e poder masculinos, em épocas tradicionais, encontravam-se explicitamente respaldados no código civil brasileiro de 1917, que reservava ao homem casado o direito a total autoridade sobre a mulher, assim como a autorização dele, condição para que ela tivesse conta bancária em seu próprio nome ou para qualquer vínculo trabalhista.

Da Matta (1997) também trata a respeito das sutilezas e problemas de *ser homem* no Brasil. Em um artigo, que traz como contexto uma antiga cidade do interior mineiro, revela que, para *ser homem*, era necessário, a todo instante, uma vigilância dos gestos, das emoções e do próprio corpo. Na constelação da masculinidade estavam presentes elementos, tais como possuir um corpo de

homem, mostrar-se macho e masculino a qualquer tempo e lugar. O autor ilustra a temática recorrendo ao vocabulário local daquela cultura - diferenciado para homens e mulheres - onde termos como face, rosto e seios eram adotados para as mulheres, enquanto os termos cara e peito eram para a referência aos homens. Destaca, ainda, que o homem apresentava-se extremamente sensível ao conflito, à agressão e à afronta, tendo em vista que a sua cara era o local onde deveriam alojar-se a vergonha e a firmeza, em forma de máscaras, anunciando, assim, o homem que ali dentro se encontrava.

Ainda dentro do vocabulário local daquela cultura mineira, são ressaltadas as variadas nomenclaturas para o órgão genital masculino:

“um ator social a ser permanentemente testado, experimentado e consumido (...) um elemento permanente da consciência (...) idealizado (...) marca de masculinidade (...) o símbolo oficial, a marca registrada e o sinal exterior do masculino” (ibid., p.39).

Dentre os termos, o autor menciona espada, pau, mastro, pistola, pica, porrete, entre outros, sinalizando, assim, que as expressões estavam sempre associadas com qualquer instrumento para agressividade, refletindo, portanto, um aspecto construído como ideal e valorizado na concepção do masculino.

Nolasco (1997) sinaliza que o sentimento de identidade, para o homem, está diretamente associado ao de identidade sexual, basicamente por duas razões: a primeira refere-se ao modelo de cultura do qual o homem faz parte - representações sociais, e a segunda, as experiências de ordem psicológica - família - que o homem vive em sua vida adulta e desde a infância. A gênese de constituição desse sentimento masculino de identidade servirá como guia de conduta em sua vida. Nesse sentido, o termo “identidade de fachada” (ibid., p.24) é aplicado para o contexto ideal de masculinidade. Tomando-se como base o sistema patriarcal em nossa cultura, no processo de socialização a que o menino está submetido, os papéis modelos, na infância - o pai, na família, o professor de educação física, na escola -, haverá uma tendência do menino a guiar seu comportamento, primordialmente, para atender a estímulos externos - o fazer, o realizar, o agir -, ao invés de atentar-se às suas próprias necessidades e vivências emocionais.

A relação com o pai - em geral, permeada pelo silêncio, estranhamento, solidão e reserva, ou pela superficialidade, praticidade, orientação para o agir e o realizar - define o padrão de intimidade a ser adotado pelos homens na vida adulta. Afinal de contas, na cultura brasileira, confiança, afeição, contato,

proximidade, troca, solidariedade, cumplicidade, carinho, cordialidade, proximidade física e expressão das emoções são atributos característicos ao contexto da mulher - que age no interior, que é íntimo. O significado de intimidade não é algo que o homem possa aprender, praticar e desenvolver, pois não faz parte de seu processo de socialização. Assim, fica claro que as restrições para estabelecer relações de intimidade apresentam-se como uma das várias dificuldades masculinas, já que a representação social do homem tem trazido como herança o não favorecimento à comunicação emocional masculina, a negação ao fracasso ou à limitação (Cuschnir, 1992; Nolasco, 1997). Na arena do insucesso, destaca-se o fracasso sexual como um dos maiores temores do homem, e isso explicaria a busca de relacionamentos focados no sexo de alta intensidade e baixa emoção. A produção midiática de revistas voltadas para o público masculino - tipo *Sexy* ou *Playboy* -, reflete (ao mesmo tempo em que estimula) essa dificuldade masculina, onde as mulheres exibidas nas fotos são objetos de desejo, mas não de amor.

Todos esses fatores empobrecem a possibilidade de vivências de satisfação emocional por um homem. Assim, construir relacionamentos é, portanto, expor-se a correr riscos. A representação social e psicológica do homem carrega consigo uma certa restrição para a possibilidade de um homem vincular-se intimamente à uma mulher, ou mesmo a quem quer que seja, numa relação satisfatória. Em seu processo de socialização o menino não aprende a desenvolver os recursos necessários para criar relações afetivas duradouras como, por exemplo, sustentar a transparência imprescindível ao desenvolvimento de uma intimidade. Nolasco (1997, p.17) aponta que:

“as relações de intimidade dão visibilidade e clareza sobre quem somos nós. Elas se sustentam no respeito e reconhecimento mútuos, sendo necessário, para mantê-las, maturidade, coerência e compromisso consigo mesmo e com o outro”.

Ressalta-se, ainda, que uma relação de intimidade satisfatória requer que o homem tenha clareza sobre a forma com que internalizou e organizou o ideal de *ser homem* e isso, por outro lado, exige que ele busque a sua própria verdade, ouvindo mais atenciosamente a essência em seu próprio interior, abdicando-se, portanto, de performances teatrais e, assim, construindo sua masculinidade através do encontro com a sua realidade interna.

Apesar de todo homem, em seu íntimo, carregar um projeto de vida, nem sempre traz anexado a esse projeto a liberdade para alterá-lo em sentido contrário à determinação de seu papel social - ter sucesso, prestígio social, poder, ser

conquistador, esforçado e vigoroso. Existem homens que gostariam de modificar as possibilidades do papel social masculino, entretanto, na percepção desses homens, a reputação do macho estaria sob ameaça. É justamente nesse sentido que a pergunta “mas, afinal, o que é *ser homem?*” é lançada por Nolasco (1997, p.19). A primeira resposta apresentada traz à tona a sociedade patriarcal e suas prescrições sociais impostas ao menino: forte, bem sucedido, viril, produtivo e poderoso. A segunda resposta foca a sociedade individualista que tem como marca registrada as revisões constantes nas representações de mulher e homem e, portanto, o surgimento de novas demandas sociais para ambos.

Diante da época contemporânea de variadas e turbulentas transformações socioculturais, a crise masculina não abrange apenas uma temática da ordem do individual, mas também abarca uma crise nos valores sociais - relativismo, consumismo, hedonismo, permissividade, etc. Dessa forma, pode-se definir a crise masculina como sendo o próprio processo de lidar com essas transições e também compreendê-la como uma chance, um ensaio para que os homens diferenciem-se do protótipo de masculinidade estabelecido socialmente para eles.

“Essa crise representa a quebra do cinismo a respeito da existência de um *homem de verdade* em torno do qual todo menino é socializado. Por seu intermédio, temos acesso a uma reflexão que retrata, em diferentes países, o esforço dos indivíduos em face da inclusão de seus sonhos e sentimentos como um valor pertencente ao cotidiano masculino” (ibid., p.16).

Um interessante posicionamento é encontrado em Barasch (1997) com relação ao processo de modernidade, natural da história - frenéticas e constantes mudanças, inundações de variações que surgiram de forma surpreendente e repentina. A brusca ruptura dos padrões de papéis masculinos alimentados pela cultura provocou mudanças não só nas relações afetivas, mas também estendeu-se por todos os caminhos já familiarizados pelas meninas e meninos. O homem contemporâneo - como parte integrante desse novo cenário - tem pressa de seguir a trilha dessa evolução, entretanto, para ele, o custo desse acompanhamento tem se mostrado elevado, pois nem sempre esse esforço está em acordo com seu desejo, ou com o ritmo do seu estado emocional (ibid.; O'Brien, 1994). Nesse processo de acompanhamento, o homem tem apresentado dificuldades nos campos da troca de afeto, do amor, do sexo e do sentimento, mas Barasch afirma que se trata de apenas um único caminho, e que o homem se encontra empurrado em direção a este processo. Assim, só lhe resta a escolha forçada para evoluir, caso não deseje sair de cena - dos contextos e das relações.

Nesse cenário de transformações da época contemporânea, traz-se o foco

para o sucesso masculino. A mulher, antigamente socializada para a submissão ao homem e responsável direta por aumentar o brilho masculino, posiciona-se, na atualidade, com novas perspectivas no social e provocando nos homens, em geral, um caráter assustador, quase insuportável e, até mesmo, de fuga para algo mais seguro ou habitual ao masculino. Dessa forma, com seus confortáveis velhos hábitos arraigados, o homem, em sua maioria, não conseguiu perceber que a satisfação na relação homem-mulher pode ser bloqueada pela vivência de submissão. Assim como a psicoterapeuta supracitada, Caldas e Queiroz (1997) - respectivamente sociólogo e comunicólogo - apontam a emancipação feminina no decorrer do século XX como um dos mais importantes impulsionadores das transformações em andamento dos comportamentos masculinos. Destacam, ainda, o papel, de certa forma protagonista, da mídia que vem tratando, recorrentemente nos últimos anos, acerca dessa temática. “O mundo mudou, as mulheres mudaram e os homens decididamente estão mudando...” (ibid., p.153).

Finalmente, O’Brien (1994) salienta que o homem ocidental da atualidade está vivendo uma crise de identidade, pois não são mais completamente adequadas a ele, as normas tradicionais. Está surgindo um novo leque de normas, regras, expectativas e indicações mais convenientes e ajustadas aos homens contemporâneos. A autora, assim, delineia uma parte do perfil que traduziria esse homem novo e composto:

“O *novo homem* é alguém que divide as obrigações domésticas e ajuda a cuidar dos filhos; dá à família prioridade igual ao trabalho; discute sentimentos pessoais com a parceira e outras pessoas; tem mais intimidade emocional com os filhos que seus antepassados; e assim por diante” (ibid., p.208).

Ressalta, contudo, que pesquisas mostram que esse homem, assim esboçado, não é prevacente. O perfil desse *novo homem* será apresentado, a seguir, numa visão um pouco mais abrangente.

3.2. O Novo Homem

Conforme citado no capítulo 1 - Introdução desta pesquisa, a expressão *novo homem*, entre outras, tem sido adotada para denominar o fenômeno social que abarca a condição masculina na contemporaneidade. O cenário deste item é tratar a nova configuração do representante do sexo masculino, fazendo-se algumas reflexões sobre suas características mais marcantes e comuns, conforme apontada na literatura adotada para o desenvolvimento desta dissertação.

Pode-se considerar que, em tempo algum como na atualidade, o assunto

acerca dos papéis masculinos foi tão explorado, ganhando amplos espaços de reflexão, tanto no meio acadêmico como fora dele. Há uma crescente literatura de pesquisa psicológica a respeito dos conceitos de masculinidade, da psicologia do homem e sobre a sua condição contemporânea, que sugere estar emergindo uma nova identidade masculina. Esse tema tem estado presente, de forma expansiva, também nos meios de comunicação de massa como um alvo merecedor de forte atenção da mídia, e tem se tornado um produto de destaque, frente ao mercado editorial. Isso implica, por parte da mídia, tentar delinear os novos modelos, imagens e comportamentos masculinos, apontando para o *novo homem*. Evidentemente, esse desenho traçado merece consideração no sentido de que se trata de um perfil, de certa forma, generalizado da figura masculina. O modelo de *ser homem* construído pela sociedade patriarcal vem sendo gradativa e notoriamente deixado para trás, surgindo, assim, a supostamente chamada “crise de sentido que acomete o homem do mundo contemporâneo” (Cuschnir e Mardegan Jr., 2001, p.153).

No campo desse intenso debate, sobre a “crise de identidade que o homem atravessa” (Caldas e Queiroz, 1997, p.147), há múltiplas posições (nem sempre brandas ou harmoniosas), delineando as possíveis razões para a sua existência. Optou-se trazer, a título de ilustração, uma dessas posições, já que se tem, aqui nesta pesquisa, a proposta de focar a imagem masculina contemporânea em duas obras, e não, os motivos que impulsionaram esse novo perfil. A perspectiva adotada foi a da antropóloga Goldenberg (2000), também estudiosa do gênero masculino.

Essa autora, que traz as temáticas da relação homem-mulher e da suposta crise da masculinidade ou crise de identidade que o homem atravessa, menciona diversas matérias, por ela analisadas durante os anos de 1999 e 2000, publicadas no jornal *O Globo*, no *Jornal do Brasil*, no *O Estado de São Paulo* e em revistas de grande circulação, como *Isto É*, *Veja* e *Exame*. Os resultados da análise mostram que essas matérias buscaram, muitas vezes, encontrar o bode expiatório ou a grande vilã da crise do macho, e apresentam *o trabalho feminino e o aumento do poder da mulher na família*, trazendo para o homem o lugar de vítima e estimulando a guerra entre mulheres e homens. Evidentemente, o homem é posto como o maior perdedor. Assim, a emancipação econômica da mulher é julgada como a grande culpada. Os discursos das matérias analisadas fomentam a idéia do homem tendo como rival a ser vencida, a mulher, que, dessa forma, não é vista

como uma companheira ou uma parceira que poderia, na atualidade, aliviar o peso das obrigações dos papéis masculinos - socialmente estabelecidos em épocas antigas.

Nesse contexto, tanto os homens quanto as mulheres, são ganhadores e perdedores; jamais se debateu tanto sobre a possibilidade e liberdade de escolhas de múltiplos e variados estilos de vida para cada pessoa.

“Talvez o machão esteja realmente em crise, mas é possível que até ele consiga sobreviver, só que será obrigado a coexistir com outras formas de *ser homem*. O que não sobrevive mais é um modelo hegemônico de masculinidade com base em força, poder e virilidade”, apesar desse ideal ainda ser sustentado nos tempos de hoje (ibid., p.38).

Retomando-se a reflexão sobre a condição masculina contemporânea - o *novo homem* -, observa-se que as transformações sociais dos padrões de comportamento, que se apresentam em cena, trazem para o homem novas demandas. Entretanto, Nolasco (1994) ressalta que, em nossa cultura, a masculinidade é um conceito que abarca ideais inalcançáveis e mensagens contraditórias. “O homem que vai à guerra deve ser o mesmo que sabe conciliar e perder” (ibid., p.310), o que traz, de alguma forma, dificuldade para *ser homem* na atualidade. De forma marcante, observa-se essa ambivalência presente nas transformações do masculino, unindo novos e velhos valores. Entende-se, desse modo, que isso pode estar refletindo nas dimensões do relacionamento afetivo-sexual entre homem e mulher.

Na época atual da cultura brasileira, há uma mescla de referências de masculinidade, o que parece provocar, na maioria dos homens, uma certa insegurança e angústia quanto a *como* se comportar e *qual* papel cumprir. Diante da multiplicidade de demandas e opções de comportamento, ou então, diante da ausência de um modelo único de conduta que sirva como referência, pode-se pensar na possibilidade dos homens estarem recorrendo, talvez de forma silenciosa, a livros de *auto-ajuda* como guia de conduta para a conciliação dos atributos contemporâneos (antigos e modernos) do *ser homem*.

As reflexões do que venha a *ser homem*, na atualidade, dentro da relação homem-mulher, são atribuídas a um dos efeitos do movimento da emancipação feminina. As transformações dos papéis femininos vêm provocando um sentimento de perplexidade e confusão na maioria dos homens e, conseqüentemente uma oportunidade para que seus papéis sejam repensados - reafirmados ou reformulados (Jablonski, 1998, 1995; Gratch, 2001). Assim, tem

sido cobrado do homem novas posturas mais condizentes com os valores da atualidade. Ele precisa incorporar os atributos culturalmente identificados como masculinos e as qualidades tradicionais de ser forte, aventureiro, autoritário, decidido, dominador, assertivo, rude, ambicioso, desafiador, orientado para a realização, demonstrar iniciativa na vida e competente profissionalmente aos valores contemporâneos. Nesse novo contexto, o homem precisa, também, ser capaz de se mostrar sensível, carinhoso, flexível, sabendo ouvir, cúmplice, humilde, brilhante no desempenho sexual, possuidor de recursos para responder compreensivamente às necessidades emocionais dos filhos e da parceira e, ainda, com disponibilidade para expor os próprios sentimentos (Jablonski, 1998; Féres-Carneiro, 1997; Nolasco, 1997, 1996; Barasch, 1997). Muitos desses últimos aspectos - antes característica e exclusivamente femininos -, estão sendo, hoje, integrados à identidade do gênero masculino (Souza e Ferreira, 1996). Contudo, há de se reconhecer a dificuldade para conciliação, pelo homem, de todos esses atributos; alguns deles até contraditórios entre si.

O novo padrão de masculinidade, no âmbito da relação homem-mulher, vai de encontro à maneira como ele foi ensinado, em seu processo de socialização, a construir seus relacionamentos afetivos: silenciar seus sentimentos e evitar situações de exposição de medo e vergonha. Barasch (1997) ressalta que, na tentativa de se adequar a essas demandas contemporâneas, inclusive as provenientes do sexo oposto, o homem acaba se distanciando da sua própria realidade interna - seus desejos, sensações e sentimentos, ao mesmo tempo em que busca saber *quem é* afinal. Essa divergência de caminhos tem trazido, em geral, para ele, ansiedade, angústia, expectativas, fracassos e decepções - consciente ou inconscientemente em forma de medo do fracasso -, o que, ao ocorrer no seu relacionamento atual com a mulher, também poderá ter reflexos nos próximos vínculos afetivo-sexuais.

Uma pesquisa realizada por Goldenberg (2000), em 1991, demonstra esse desconforto masculino do presente. Foram entrevistados homens de nível universitário e idades entre trinta e cinquenta anos, moradores da zona sul do Rio de Janeiro. O dado mais significativo do levantamento foi que todos os pesquisados acreditavam estar fugindo das *regras*, pois consideravam-se fora de um *modelo-padrão* brasileiro de masculinidade e virilidade. Demonstraram o temor de serem tachados de efeminados ou *gays*, ao mesmo tempo em que criticavam aqueles que exibiam a performance idealizada de *galinhas* e *machistas*.

Em outra pesquisa, realizada em 2000, com 1.300 pessoas de ambos os sexos, entre vinte e cinquenta anos, foi feita a seguinte pergunta: *O que todo homem é?*. Nas respostas masculinas, por um lado, apareceram as expressões já tradicionais: *safado, mentiroso, conquistador, infiel, voltado para o sexo*, etc; por outro, surgiram características contemporâneas como, por exemplo: *sensível, delicado e vaidoso*, o que se relaciona com um enfoque mais próximo da atualidade. Assim, é explicitada a convivência ambígua de papéis tradicionais e das novas representações de *ser homem*.

Jablonski (1998) defende que, na atualidade, ainda vigora um padrão antigo de masculinidade. Os homens seriam hoje uma espécie de dinossauro que escapou à extinção - o *boçalossauro*, que ainda existe nos homens:

“É um monstro que habita nas profundezas da alma masculina que vem reagindo com energia e forças insuspeitadas às novas demandas de igualdade entre os sexos. Que nos faz adotar atitudes progressistas, mas empacar vergonhosamente na hora da ação” (ibid., p.178).

Por um outro ângulo, essa idéia é também observada nos estudos de Cuschnir e Mardegan Jr. (2001) e Nolasco (1997) quando afirmam que a tarefa de reavaliação dos padrões de comportamentos aprendidos desde a infância, no processo de socialização do menino, é , em geral, de difícil execução para o homem na contemporaneidade.

Apesar das contradições e/ou ambigüidades acerca dos valores socioculturais para o *ser homem*, Barasch (1997) define basicamente dois tipos de homens: aqueles com maior grau de atenção e sensibilidade, mais conscientes das constâncias da mudança e disponibilidade para as transformações; e aqueles que se mostram mais resistentes, com menor grau de sensibilidade às diferenças e mudanças, com hábitos e valores mais arraigados e menos atentos as necessidades e transformações da relação homem-mulher, com maiores dificuldades de exposição e de comunicação. Este último tipo de homem rejeita a chance de aprendizados através das novas experiências, enquanto o primeiro tipo faz uso das novas vivências como fonte de crescimento e amadurecimento pessoal, bem como relacional com sua parceira, evidenciando, por parte da autora, uma possibilidade positiva para o desenvolvimento do *novo homem*, nesse momento de transição.

Encontra-se atualmente, na cultura brasileira, uma variedade de comportamentos e desejos masculinos, assim como a coexistência de ideais, em princípio, contraditórios, tais como a busca da segurança e da certeza, e a liberdade de uma relação homem-mulher em que não existam o compromisso e o

desgaste proveniente da rotina. Goldenberg (2000) demonstra que, nesse contexto de transição, nem sempre é possível conciliar o ritmo ditado pelas subjetividades individuais com a velocidade imposta pelas mudanças sociais. Esse desencontro provoca nos indivíduos, muitas vezes, desorientação, sofrimento e medo de perder as *regras*. Ela mostra que o homem - inserido em um contexto sociocultural -, às vezes, não percebe nem esse desencontro e nem o possível usufruto da liberdade disponível na sociedade atual. É necessário se considerar que, se por um lado, as novas escolhas podem representar o medo do desconhecido, por outro, podem levar à construção proveitosa de um *novo homem*. Assim, cada homem poderá escolher: sentir na pele o dilema de crescer com a mudança e ter a chance de ser mais livre, ou permanecer parado, congelado pelo receio de sair do padrão comum e ser diferente dos outros. Nesse panorama, a recomendação está no aprendizado da convivência com as ambigüidades e contradições da cultura brasileira e, assim, tirar proveito de possuir uma mescla de comportamentos contemporâneos e antigos.